

PREFÁCIO

Entre a escrita de um texto e sua publicação, não é raro que se introduza um certo limbo. O limbo não é necessariamente a paralisia. Contíguo ao inferno, onde até as larvas se remexem, pode ser, além de um tempo de espera, o espaço de uma *Durcharbeitung*.

Este livro reúne alguns capítulos da tese de doutorado que defendi em novembro de 1997 no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob a orientação inestimável de Maria Anita Carneiro Ribeiro. Seu título original era “A política do desejo: ensaio psicanalítico sobre histeria e sexualidade feminina”. O ponto de partida: meu desejo de indagar até que ponto era válido o lugar-comum “não se fazem mais histéricas como antigamente”. Impunha-se, portanto, indagar primeiramente como eram “as histéricas de antigamente”. Os comentários eram amplos, variados, por vezes antagônicos. Para alguns, era “uma mulher mais mulher que as outras”; para outros, quase se poderia dizê-la uma criança alheia ao sexo.

Constatei que, para além do sempre enfatizado polimorfismo dos sintomas histéricos, era constante a pluralidade de interpretações que o Outro da ciência lhes atribuí. E sua forma muito particular de primeiramente erguer para em seguida colocar por terra o mestre nunca passara despercebida de quem procurava entendê-las. Esclarece-o um pequeno exemplo: no século XVIII, quando a química descobre o fósforo, os mestres se deparam atônitos com os corpos carbonizados de algumas mulheres, e são levados a postular a teoria da “combustão espontânea”.

O fato é que determinada imagem de mulher, nunca a mesma, a um só tempo velava e desvelava a hiância entre o corpo histérico e o campo do saber médico. Na aurora do século que passou, uma importante querela teve lugar na França, e nela se inscreveram nomes da envergadura de Jean-Martin Charcot, Hyppolyte Bernheim e Joseph Babinski. A sorte de tantas histéricas estava assim lançada: Salpêtrière ou Nancy? “Círculo histérico” ou comportamento-signo? Entidade clínica ou fenomenologia histérica?

O texto freudiano traz uma nova resposta, de um Outro lugar. Como bem pontuou Jacques Lacan, dois desejos podem se encontrar em um mesmo objeto, quando um deles toma o desejo do Outro como objeto. Do encontro entre Freud e as histéricas resultou a introdução de um novo significante: a psicanálise. E o debate ganhou novos rumos, pois já não era questão de saber se a histeria era uma neurose natural ou artificial, mas sim de buscar-lhe a causa inconsciente, os caminhos da formação do sintoma.

Busquei precisar de que modo Freud concebeu a estrutura da histeria e as razões que o levaram a afirmá-la uma neurose eminentemente feminina, semelhante ao sonho. Moldado no sonho e suportado pela fantasia, o sintoma histórico se revela “estruturado como uma linguagem”. Sua significação é sempre sexual, parte de coisas vistas e ouvidas, e segue os caminhos de múltiplas identificações, sem se dar conta de que a identificação é sempre uma modalidade de laço social. Eis aí o inconsciente freudiano, em cuja esteira Lacan se inscreveria, para deixar novos rastros.

Dedicar todo um capítulo às relações entre a histeria e a adolescência da moça representou, para mim, o necessário testemunho de uma clínica na qual convergem questões tão cruciais para a psicanálise quanto o significado do uso freudiano da latência, sua interseção com o mecanismo da sublimação e, acima de tudo, o que Lacan chamou de Outro gozo, excluindo-o do falo e aproximando-o das mulheres. Com a entrada em cena do falo, fez-se mister a retomada de outra discussão, dita exatamente “a querela do falo”. Ora, se Ernest Jones, Hélène Deustch e Joan Rivière, entre outros, provaram ser discípulos que não temiam discordar do mestre, Sigmund Freud não se pôs em retaguarda e sustentou até o fim a dissimetria do encaminhamento sexual do homem e da mulher, aprimorada posteriormente por Lacan com seu quadro lógico da sexuação.

“Vocês querem saber o que é uma histérica? Deixem-se conduzir por ela”, diria ele, isolando históricas e mulheres por meio de sua teoria dos gozos. Antes já elaborara o matema do discurso da histeria e o demonstrara passível de regredir ao discurso do mestre antigo, progredir no discurso do analista, girar para o discurso da universidade e não se mostrar anódino ao discurso da ciência.

Com a teoria lacaniana dos discursos, entramos inevitavelmente no campo da política. Uma pergunta então se impõe: como diferenciar a política das mulheres não apenas daquela que praticam as históricas, mas também da que dirige os analistas? Nos moldes de *O banquete*, de Platão, puseram-se a falar figuras aparentemente tão distantes e de interesses tão diversos como podem sê-lo um comediógrafo, um psicanalista e um filósofo. Aristófanés, Lacan e Badiou deram provas de saber da intemporalidade do inconsciente.

Last but not least, Bertha Pappenheim e Chiquinha Gonzaga contam as vicissitudes de uma vida em que nenhuma admiração, nenhum amor parece tê-las curado da fenda “que não se cura”: desejo de desejo de desejo, como o Nome do Nome do Nome. Não residem o “ser a três”, que é desejo, e o amor pelo pai, seu arcabouço, no corpo tórico das históricas? Para onde foi o his-tórico?